

## GENTE EXTRAORDINÁRIA

*A Separação* – Oscar 2012 de Melhor Filme Estrangeiro.

**É**a primeira vez que um filme iraniano recebe o prêmio de melhor filme estrangeiro da Academia. As palavras do diretor Asghar Farhadi ao receber a estatueta revelam seu mérito: “Neste momento, pessoas de todo mundo estão nos vendo e estão contentes não só pelo prêmio, mas porque, em um tempo como este, no qual se fala de guerra, meu país, o Irã, está aqui por sua cultura.”

Isto reforça a crença de que se pode criar e criar com arte em um contexto de sofrimento, opressão e censura. Minha torcida era grande para que esta produção fosse reconhecida por sua singular visão de humanidade. Lembro-me de um comentário de Charles Waldegrave, quando veio ao Brasil em 2001, sobre a admiração que sentiu ao ver a capacidade de o brasileiro ser feliz e fazer arte vivendo em contextos tão extremos.

O filme é contextualizado em um Irã contemporâneo, conturbado, em momento de tensões políticas, econômicas e sociais, que oferece perspectivas pouco favoráveis aos jovens e suas famílias. Apresenta em nuances as diferenças entre as classes sociais, as distintas religiões, e as possíveis tensões existentes.

*A Separação* é um filme sensível, delicado, simples e ao mesmo tempo complexo, que nos dá oportunidade de refletir sobre como as pessoas se posicionam e que atitudes tomam em situações extremas, de dor e sofrimento, num contexto de tensão e pressão. Como terapeuta, fiquei muito sensibilizada com as situações de desespero e limite que os personagens se encontram, as dificuldades em negociar as verdades de cada um, e as saídas encontradas para os impasses apresentados. Tocou-me especialmente a situação vivida pelo casal protagonista, Simi e Naader e sua filha de 11 anos, Termeh, ao observar a dificuldade em negociar a verdade de cada um, num momento de decisão que envolve lealdades.

Este casal precisa decidir se aceita ou não o visto americano, antigo projeto de ambos, para partir em busca de novas perspectivas para a família.

A dificuldade da negociação entre o desejo de Simi em partir e Naader em ficar é explicitada logo na primeira cena, na frente do juiz, quando Naader decide não mais sair do Irã para cuidar de seu pai e a esposa argumenta: “**Ele tem Alzheimer e não sabe que você é filho dele.**” Ao que o personagem responde: “**Eu sei que ele é meu pai.**”

Neste momento, é revelado o sentimento único de Naader que o liga à sua família de origem e não pode ser compartilhado pela esposa.

Para Simi, adiar a viagem é impossível, pois o visto expira em 40 dias. Ela propõe que seu marido a acompanhe, ou conceda o divórcio e a guarda da filha. A possibilidade de utilizar o visto americano poderia representar uma oportunidade de crescimento para a família. Entretanto, embora parceiros e voltados para o cuidado de sua única filha, os dois encontravam-se naquele momento um tanto distantes enquanto casal. Naader não quer abandonar o Irã neste momento, em função de seu pai, que requer cuidados especiais e definha em seu processo de degeneração. Decide ficar, mesmo que isto signifique separar-se de sua esposa. No entanto, não cede a guarda de sua filha, impedindo que o impasse se resolva.

### ADRIANA MATTOS FRÁGUAS

*Psicóloga, terapeuta individual, de casais e famílias, sócia fundadora e formadora no Sistemas Humanos*

Para Naader, o sentimento em relação ao pai, mesmo com Alzheimer, fez com que ele rompesse a lealdade com o projeto em comum com a esposa. O que impacta em especial é a dor da solidão de cada um, onde a saída possível atende um, mas não o outro. O contexto emocional já era forte e contundente por tocar em uma situação delicada, que envolve a possível separação do casal, que, neste momento, abre mão de sua conjugalidade para dar voz a suas escolhas. Entretanto, o enredo caminha em um crescente clima de tensão. Situações nas quais a mentira, a omissão ou a negação que inicialmente poderiam ser vistas como possíveis para facilitar o vínculo, com os desdobramentos levam a desfechos trágicos, e dificilmente reparáveis, em um clima de dor, mágoa, conflito e hostilidade.

O roteiro segue e Naader, frente ao desafio de dar conta da rotina da casa e acompanhar o declínio de seu pai, contrata uma empregada para auxiliá-lo.

Razieh aceita o emprego, contrariando seus princípios religiosos e escondida do marido, que jamais consentiria que ela trabalhasse em casa sem a esposa presente. Apesar de as questões religiosas a proibirem de tocar num homem que não seja seu marido, ela se dispõe a continuar para dar conta das despesas de sua casa e ajudar seu companheiro, que está desempregado e ameaçado de prisão por seus credores. Ela não podia tocar por princípios religiosos, mas toca por humanidade; não podia trabalhar por estar grávida, mas trabalha por necessidade...

A relação dela com Naader é singular, e pautada no desespero da situação de ambos, cada um no seu limite, transgredindo as fronteiras entre o certo/errado, a verdade e a mentira. O encontro desses personagens chama a atenção sobre uma questão que perpassou todo o filme, ou seja, em um clima de opressão, todos mentem para todos e o rompimento com os princípios de lealdade e ética fica evidente.

O lugar de Termeh, filha de Simi e Naader, me sensibilizou muito. Ela não mede esforços para que seus pais não se separem e voltem a viver como casal. Coloca-se como responsável pela comunicação entre ambos, funcionando como mensageira e guardiã da relação. Em algumas cenas, podemos assistir Termeh observando silenciosamente e acompanhando com o olhar os movimentos de seus pais e de outros personagens. Percebe e sofre com a fragilidade de seu avô, em rápido processo degenerativo; sente o sofrimento de sua mãe ao se dar conta do fim do casamento; acompanha a dor do pai, frente à doença do avô, compreende as dificuldades dele para dar conta de tudo o que está à sua volta, mas sofre com a falta de atitude frente ao relacionamento com sua mãe. Percebe também o desespero da empregada, que aceita a função para conseguir recursos para sua família, que vive em condições de necessidades extremas. À medida que a trama vai se desenvolvendo e os conflitos vão se tornando cada vez mais sérios e a situação vai “escapando” do controle, Termeh vai se posicionando e fazendo algumas pontuações e perguntas, como se buscasse suas referências e fronteiras entre o certo e o errado. Como se ela também estivesse considerando suas escolhas e precisasse de algumas confirmações que pudessem auxiliá-la. Destaco uma cena em que ela está com o pai e pede para que ele confirme sua percepção, ou seja, que ele assuma que mentiu.

O final é marcado pela menina frente ao juiz, diante da separação dos pais já consumada. Caberá a ela decidir com quem ficar. Momento difícil e dolorido para Termeh, e imagino que para toda criança, quando é esperado que se pronuncie com relação à sua escolha, isto é, se fica com seu pai ou sua mãe, uma vez que já decidiram pela separação...

Filme inesquecível, com verdadeiras lições de humanidade. Recomendo...